

A CHEGADA DE UM HOMEM ESTRANHO

O DESCONHECIDO CHEGOU no começo de fevereiro, num dia de inverno, debaixo do frio cortante e da borrasca de neve, a última do ano, pisando o chão coberto de branco, aparentemente vindo da estação ferroviária de Bramblehurst, trazendo na mão, protegida por uma luva grossa, certa valise grande e preta. Estava agasalhado dos pés à cabeça, e a borda de seu chapéu de feltro macio cobria seu rosto inteiro, exceto a ponta reluzente do nariz; a neve se amontoava em seus ombros e seu peito, agregando uma crista branca à maleta preta. Ele cambaleou até a pensão Coach and Horses,² mais morto que vivo, e largou a valise no chão.

— Uma lareira! — exclamou ele. — Por caridade! Um quarto e uma lareira!

Batendo os pés, sacudiu a neve do corpo, junto ao bar, para então seguir a sra. Hall até a saleta de hóspedes, a fim de acertar as diárias. Dispensando mais apresentações além das acima descritas, e com uma pronta aceitação das taxas e um par de soberanos³ deixados na mesa, ganhou um quarto.

A sra. Hall acendeu a lareira e o deixou ali, enquanto ela mesma foi preparar-lhe uma refeição. Um hóspede em Iping⁴ no inverno era uma sorte

2. Em português, “Carroça e Cavalos”. Os nomes próprios de personagens e estabelecimentos reforçam o caráter cômico do romance (conforme sugerido no subtítulo). Ver também notas 1 e 8.

3. A libra em ouro, ou soberano, é uma moeda do Reino Unido cuja cotação é pareada à da libra esterlina. Utilizada até hoje como reserva de valor, não circula mais como moeda de troca.

4. De todas as cidades mencionadas no romance, apenas Iping existe realmente. Localizada no distrito de Chichester, no condado de West Sussex, Inglaterra, seu núcleo original, demarcado por uma muralha de pedras, data da Idade do Bronze. Mais tarde,

nunca vista, ainda mais um hóspede que não parecia um “pechinheiro”, e ela estava determinada a se mostrar digna de sua boa fortuna. Quando o bacon estava quase pronto, e Millie, sua linfática ajudante, já fora devidamente reprimida com algumas bem-escolhidas expressões de desprezo, ela trouxe a toalha, os pratos e os copos para a saleta e começou a pôr a mesa com o máximo *éclat*.⁵ Embora a lareira estivesse acesa e forte, ficou surpresa ao ver que o hóspede não tirara o chapéu e o paletó, permanecendo de pé, com as costas voltadas para ela, olhando pela janela a neve que caía lá fora. Estava com as mãos enluvadas unidas atrás de si e parecia perdido em pensamentos. Ela reparou que a neve derretida em seus ombros estava pingando no tapete.

— Gostaria que eu pendurasse seu chapéu e o paletó, senhor? — ela perguntou. — E os pusesse para secar na cozinha?

— Não — ele respondeu, sem se virar.

Ela não teve certeza de tê-lo ouvido direito, e estava prestes a repetir a pergunta. Ele se virou para ela, olhando-a por sobre o ombro:

— Prefiro continuar como estou — disse, enfaticamente, e a sra. Hall reparou que usava grandes óculos de proteção,⁶ com lentes azuis, que se prolongavam pelas laterais, além de volumosas suíças, que se fundiam à lapela do paletó e terminavam de ocultar completamente o seu rosto.

— Muito bem, senhor — ela disse. — Como o senhor quiser. Dentro de instantes o ambiente estará aquecido.

Ele não respondeu, tendo virado o rosto novamente, e a dona da pensão, percebendo que o momento não era favorável às suas tentativas de puxar assunto, acabou de pôr a mesa num *veloz staccato*⁷ e raspou-se para

durante a ocupação romana da Bretanha, passava por ela a estrada que ligava os dois principais centros tribais da região, Noviomagus Regnorum (atual Chichester) e Calleva Atrebatum (atual Silchester).

5. Em francês no original. Aqui, a palavra deve ser lida como “estardalhaço”, uma forma de a dona da pensão chamar atenção do hóspede e puxar conversa.

6. Trata-se de óculos como os usados por motociclistas, aviadores e trabalhadores industriais.

7. Em italiano no original. Modo de articulação musical em que as notas são executadas com um intervalo entre elas, destacadamente, e que se opõe ao *legato*.

fora da saleta. Quando voltou, ele ainda estava ali, de pé, parado como um homem de pedra, com as costas curvadas, a lapela erguida, a aba do chapéu pensa, pingando e cobrindo completamente seu rosto e orelhas. Ela serviu os ovos com bacon com ênfase considerável, falando mais alto que o normal:

— O almoço está servido, senhor.

— Obrigado — ele disse de pronto, mas não se mexeu até que a sra. Hall fechou a porta. Então girou o corpo e aproximou-se da mesa.

Quando a dona da pensão passou por trás do bar em direção à cozinha, ouviu um som repetido a intervalos regulares. *Rique, rique, rique*, fazia o som: era o barulho de uma colher raspando uma vasilha.

— Essa menina! — exclamou ela. — Onde já se viu! Tinha até me esquecido. Como é lerda!

E, enquanto ela mesma assumia a tarefa de misturar a mostarda, disparou algumas estocadas verbais contra Millie, por sua excessiva lentidão. Aprontara o presunto, os ovos, servira a mesa, tudo sozinha, e Millie (grande ajuda!) apenas tivera sucesso em atrasar a mostarda. E com um novo hóspede querendo ficar! Então a sra. Hall encheu o pote de mostarda e, colocando-o com certa elegância sobre uma bandeja de chá preta e dourada, levou-a para a saleta de hóspedes.

Ela bateu na porta e entrou sem esperar resposta. Com isso o hóspede se moveu depressa, de modo que ela só viu de relance um objeto branco sumindo atrás da mesa. Ele parecia estar pegando algo do chão. Ela bateu o pote de mostarda na mesa, então reparou que o sobretudo e o chapéu haviam sido tirados e deixados sobre uma poltrona diante da lareira. Um par de botas molhadas ameaçava enferrujar o guarda-fogo na lareira da sra. Hall. Determinada, ela tocou no assunto.

— Imagino que agora eu possa levar isso para secar — disse, com uma voz que não admitia recusa.

— Deixe o chapéu — retrucou o hóspede com uma voz abafada. Ao se virar, a sra. Hall viu que ele reerguera a cabeça e agora estava sentado, olhando para ela.

Por um momento a dona da pensão olhou-o de volta, boquiaberta, surpresa demais para falar.

Ele segurava um lenço branco, um guardanapo que trouxera consigo, sobre a parte inferior de seu rosto, de modo que a boca e a mandíbula ficavam completamente ocultas, e era esse o motivo da voz abafada. Mas não foi isso que mais a espantou, e sim o fato de que toda a testa acima dos óculos azulados estava coberta por uma atadura branca, e outra cobria suas orelhas, não deixando nenhum pedaço de seu rosto exposto, exceto a ponta de seu nariz, pontudo e cor-de-rosa. O nariz era de um rosa vivo e ainda brilhava como antes. O estranho vestia um paletó marrom escuro de veludo, cuja lapela alta, preta e virada para cima, com a costura aparecendo no forro de linho, cobria-lhe o pescoço. Os grossos cabelos pretos, escapando por baixo e por entre as bandagens cruzadas, projetavam-se em curiosos tufos e chumaços, dando a ele a aparência mais estranha que se possa conceber. Aquela cabeça abafada e oculta na bandagem, tão diferente do que ela imaginara, deixou-a petrificada por um momento.

Ele não afastou o guardanapo, reparou a sra. Hall, continuou segurando-o com a mão coberta por sua luva marrom e olhando para a dona da pensão através daqueles inescrutáveis óculos de lentes azuis.

— Deixe o chapéu — ele disse, falando articuladamente através do pano branco.

Os nervos da sra. Hall começaram a se recuperar do choque inicial. Ela colocou o chapéu de volta junto ao fogo.

— Eu não sabia, senhor, que... — ela balbuciou, para logo se calar, constrangida.

— Obrigado — disse o hóspede secamente, percorrendo com o olhar o espaço entre a dona da pensão e a porta, e depois até ela novamente.

— Vou deixá-las bem sequinhas, senhor, num minuto — ela disse, e saiu da saleta levando as roupas do recém-chegado.

Ao sair, olhou de relance para a cabeça coberta de ataduras brancas e pelos óculos de proteção azuis; mas o guardanapo permanecia tapando seu rosto. A sra. Hall estremeceu um pouco ao fechar a porta atrás de si, com a surpresa e a perplexidade estampadas na cara.

— Nunca vi isso — sussurrou. — Que coisa!

Caminhou suavemente até a cozinha e, ao chegar lá, estava preocupada demais para perguntar a Millie o que estava aprontando agora.

O hóspede sentou-se e ouviu os passos da dona da pensão se afastando. Então olhou inquisitivamente para a janela antes de retirar o guardanapo, e continuou a refeição. Deu uma garfada, olhou desconfiado para a janela, deu outra garfada, então se levantou e, pegando o guardanapo, atravessou o cômodo e abaixou a cortina até a base de musselina branca que cobria os painéis inferiores da janela. O ambiente, assim, ficou na penumbra. Feito isso, ele voltou mais tranquilo para a mesa e sua refeição.

— O pobre coitado sofreu algum acidente, ou uma operação, ou algo que o valha — especulou a sra. Hall. — Uma coisa é certa, que susto tomei com aquelas ataduras!

Ela colocou mais carvão, desdobrou o varal portátil e estendeu o sobretudo do forasteiro.

— E aqueles óculos! Nossa, parecia mais um escafandro que uma cabeça!

Pendurando o cachecol dele no canto do varal, ela continuou:

— E segurando aquele lenço na frente da boca o tempo todo! Falando com aquilo na frente! Talvez a boca também esteja ferida... quem sabe?

Ela se virou, como se lembrasse de algo subitamente:

— Deus me livre e guarde! — exclamou. Em seguida, mudando de assunto: — Você ainda não me cozinhou essas batatas, Millie?

Quando foi tirar a mesa de almoço do desconhecido, a sra. Hall confirmou sua hipótese de que a boca dele também estaria cortada, ou desfigurada, pelo acidente que segundo ela o homem teria sofrido, pois, embora fumasse um cachimbo, durante todo o tempo em que ela ficou na saleta o sujeito não afrouxou o lenço de seda que amarrara na parte de baixo do rosto nem para levar a boquilha aos lábios. E não era por distração, pois reparou que seu hóspede prestava atenção em cada tragada. Ele estava sentado no canto do cômodo, de costas para a janela, e agora, depois de comer, beber e ficar confortavelmente aquecido, falava com

uma concisão menos agressiva que antes. Os reflexos da lareira emprestavam uma espécie de animação avermelhada aos seus grandes óculos, até então inexistente.

— Deixei minha bagagem na estação de Bramblehurst — ele disse, e perguntou se haveria quem a pudesse buscar.

Então abaixou educadamente a cabeça enfaixada para ouvi-la, absorvendo suas palavras.

— Só amanhã? Não existe um serviço mais rápido de entrega?

Pareceu bastante decepcionado quando ela respondeu:

— Não.

Ela tinha mesmo certeza? Nenhum rapaz com uma caleça que pudesse buscar?

A sra. Hall, sem hesitar, respondeu às suas perguntas, entabulando uma conversa:

— A estrada é muito íngreme, senhor — ela disse, respondendo à pergunta sobre a caleça. Então, aproveitando a brecha, acrescentou: — Havia uma carruagem que capotou, há cerca de um ano ou mais. Um cavalheiro morreu, além do cocheiro. Acidentes, o senhor sabe, acontecem de repente, não é mesmo?

Mas o hóspede não parecia disposto a se deixar envolver.

— Acontecem — ele disse por trás do lenço, olhando-a calmamente através de seus óculos indevassáveis.

— Mas depois o estrago demora a passar, não é? O filho da minha irmã, o Tom, cortou o braço numa foice, caiu em cima dela na roça de feno, e, Deus me livre e guarde!, ficou três meses para se recuperar. O senhor não acredita! É daí que vem o meu pavor de foice, imagine o senhor.

— Entendo perfeitamente — assentiu o hóspede.

— Ele ficou com medo, uma hora, de precisar fazer operação. Ele ficou mal de verdade, senhor.

O hóspede gargalhou abruptamente, uma risada latida, que ele pareceu morder e matar na própria boca.

— Ficou mesmo? — disse.

— Foi, sim, senhor. E não teve graça nenhuma para quem cuidou dele, como eu cuidei, pois minha irmã tinha os pequenos, que exigiam demais. Era muito curativo para fazer, senhor, e depois para trocar. De modo que se não achar ousadia da minha parte, senhor, dizer que...

— Você poderia me trazer fósforos? — perguntou o hóspede, de modo um tanto abrupto. — Meu cachimbo apagou.

A sra. Hall foi pega de surpresa. Foi certamente rude da parte dele, diante de tudo o que ela estava contando. Ela ficou perplexa, olhando-o por um momento. Então se lembrou dos dois soberanos e foi buscar os fósforos.

— Obrigado — ele agradeceu, conciso, quando ela trouxe os fósforos.

Então lhe deu as costas e tornou a olhar pela janela. Foi tudo muito desencorajador. Evidentemente, o homem era sensível a temas como cirurgias e curativos. Ela, afinal, não cometeu “a ousadia de dizer” coisa alguma. Mas os modos esnobes do hóspede a irritaram, e Millie sofreria as consequências disso naquela tarde.

Ele ficou na saleta de hóspedes até às quatro da tarde, sem oferecer qualquer pretexto para uma intromissão. Durante quase todo esse tempo, permaneceu imóvel; parecia estar sentado ali, na escuridão crescente, fumando à luz do fogo e talvez cochilando.

Uma ou duas vezes, algum curioso poderia tê-lo escutado atijando as brasas, e por cinco minutos seus passos na saleta foram ouvidos. Aparentemente, falava sozinho. Então a poltrona rangeu quando tornou a sentar.

AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DO SR. TEDDY HENFREY

ÀS QUATRO HORAS, quando já escurecera bastante e a sra. Hall vinha tomando coragem para entrar e perguntar ao hóspede se ele gostaria de um chá, Teddy Henfrey, o relojoeiro, entrou no bar.

— Pela minha fé, sra. Hall! — exclamou ele. — Que tempo terrível para essas botas finas!

A neve lá fora caía mais depressa. A sra. Hall concordou com o recém-chegado e, reparando que trazia sua bolsa de ferramentas, teve uma brilhante ideia:

— Já que está aqui, sr. Teddy, eu agradeceria se desse uma olhada no relógio da saleta de hóspedes. Está funcionando, bate bem e com força; mas o ponteiro das horas não sai do seis.

Mostrando o caminho, a dona da pensão foi até a porta da saleta, bateu e entrou.

O hóspede, ela viu ao abrir a porta, estava sentado na poltrona em frente à lareira, aparentemente cochilando, com a cabeça coberta de bandagens caída de lado. As únicas luzes no ambiente eram o brilho da lareira, que iluminava os olhos dele como sinaleiras ferroviárias vermelhas, embora seu rosto permanecesse abaixado na penumbra, e os ralos vestígios do dia que entravam pela porta aberta. Tudo estava róseo, sombreado e indistinto para a sra. Hall, sobretudo porque havia acabado de acender a luz do bar e tinha os olhos ainda ofuscados. Mas, por um segundo, o homem para quem ela estava olhando pareceu ter uma boca enorme, bem aberta, uma vasta e incrível bocarra que engolia toda a parte inferior de

seu rosto. A sensação durou apenas um momento: a cabeça coberta de branco, o monstruoso olhar daqueles óculos e aquele imenso bocejo logo abaixo. Então ele se mexeu, levantou-se da poltrona, ergueu a mão. A sra. Hall escancarou a porta, de modo que a sala ficou mais iluminada, e ela o viu mais nitidamente, com o lenço cobrindo seu rosto como fizera antes com o guardanapo. As sombras, supôs a dona da pensão, deviam ter lhe pregado uma peça.

— Senhor, se não for incômodo, esse homem veio olhar o relógio — ela disse, recuperando-se do choque momentâneo.

— Olhar o relógio? — ele repetiu, olhando para os lados, sonolento, e falando com a mão sobre a boca, enquanto terminava de acordar. — Por favor, entre.

A sra. Hall saiu para buscar o lampião, ele se levantou e espreguiçou. Então chegou a luz e o sr. Teddy Henfrey, ao entrar, deparou-se com o sujeito enfaixado. Ficou, como ele mesmo disse, “embasbacado”.

— Boa tarde — cumprimentou o desconhecido, olhando-o, como diria o próprio sr. Henfrey ainda sob o impacto daqueles óculos escuros, “feito uma lagosta”.

— Espero não estar incomodando — disse o sr. Henfrey.

— De maneira nenhuma — replicou o forasteiro. — Embora eu tivesse entendido — ele disse, virando-se para a sra. Hall — que esta saleta, na verdade, seria para meu uso particular.

— Eu imaginei que o senhor preferiria ter o relógio... — justificou-se a dona da pensão, que interrompeu a frase antes de dizer “em bom estado de conservação”.

— Sem dúvida — concordou o desconhecido —, sem dúvida, porém em geral gosto de estar sozinho e não ser incomodado. Mas fico contente que o relógio seja consertado — ele disse, notando certa hesitação da parte do sr. Henfrey. — Muito contente.

O sr. Henfrey fizera menção de pedir licença e ir embora, mas esse comentário o deixou mais à vontade. O estranho deu as costas à lareira e pôs as mãos para trás, dizendo:

— E agora, depois que o relógio for consertado, creio que gostaria de um pouco de chá. Mas só depois do conserto do relógio.

A sra. Hall estava prestes a sair da sala, sem esboçar qualquer tentativa de puxar conversa dessa vez, pois não queria ser esnobada na frente do sr. Henfrey, quando o hóspede perguntou se ela tomara alguma providência em relação às caixas dele em Bramblehurst. A dona da pensão disse que comentara com o carteiro, e que o carregador traria pela manhã.

— Você tem certeza de que não pode ser antes disso? — ele insistiu.

Ela tinha certeza, disse com uma ênfase glacial.

— Eu devo explicar — ele acrescentou —, o que antes o cansaço e o frio me impediram de fazer, que sou pesquisador experimental.

— Sim, senhor — assentiu a sra. Hall, muito impressionada.

— E minha bagagem contém aparatos e aparelhos.

— Devem ser mesmo muito úteis, senhor — emendou a sra. Hall.

— E naturalmente estou ansioso para continuar minhas pesquisas.

— É claro, senhor.

— O motivo da minha vinda a Iping — ele prosseguiu, com modos estudados — foi... um desejo de solidão. Não quero ser incomodado em meu trabalho. Além disso, um acidente...

“Foi o que eu pensei”, disse consigo a sra. Hall.

— ...exige de mim certo isolamento. Meus olhos... às vezes, ficam tão fracos e doloridos que preciso me trancar no escuro por horas a fio. Não saio por nada. Isso às vezes... de quando em quando. Não é o caso no momento, decerto que não. Nessas horas, a mínima perturbação, a entrada de alguém no quarto, é uma fonte de irritação excruciante. É bom que tais coisas sejam compreendidas.

— Sem dúvida, senhor — assentiu a sra. Hall. — E se não for ousadia perguntar...

— Creio então que isso é tudo — atalhou o desconhecido, com aquele ar silenciosamente irresistível de autoridade que tinha quando desejava. A sra. Hall deixou a pergunta e a solidariedade para outra ocasião mais oportuna.